

KOBAYASHI, Eliana; HIGASHI, Roberto. Língua Inglesa e Internacionalização: uma análise bibliométrica no contexto acadêmico. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 108-124, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<https://doi.org/10.23925/2237.759X.2022V51.e57703>

## LÍNGUA INGLESA E INTERNACIONALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA NO CONTEXTO ACADÊMICO

### ENGLISH LANGUAGE AND INTERNATIONALIZATION: A BIBLIOMETRIC ANALYSIS IN ACADEMIC CONTEXT

Eliana KOBAYASHI  
(Universidade Federal de São Carlos)  
likobayashi@yahoo.com

Roberto HIGASHI  
(Universidade de Guarulhos)  
robertohigashi@gmail.com

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é fazer uma análise bibliométrica para investigar a relação entre internacionalização e língua inglesa no contexto acadêmico. Por meio das palavras de busca *English language, internationalization, education, higher education* e *EMI*, colocadas no banco de dados *Web of Science*, foram levantadas publicações, países de origem, parcerias e áreas de conhecimento de janeiro de 2000 a dezembro de 2020. Os resultados apontam que o Brasil está entre os dez países que mais publicam, mas apresenta uma carência no desenvolvimento de pesquisas com autores de outros países, diferentemente dos asiáticos, europeus e dos Estados Unidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** internacionalização; língua inglesa; bibliometria

**ABSTRACT:** *The aim of this study is to investigate the relationship between internationalization and English in the academic context through a bibliometric analysis. To this end, the search terms English language, internationalization, education, higher education, EMI were used in the Web of Science database to select publications, countries of origin, authors, partnership and research fields from January 2000 to December 2020. The results show that Brazil is among the ten countries that publish the most in English. However, unlike the United States of America and other Asian and European countries, it still lacks international collaborative research.*

**KEYWORDS:** *internationalization; English language; bibliometrics*

## 1. Introdução

O processo de internacionalização das instituições de ensino superior ao redor do mundo apresenta atualmente panoramas distintos, representando em alguns contextos um componente estratégico e primordial de desenvolvimento, ao passo que em outros pode refletir um aspecto ainda minoritário caracterizado por ações fragmentadas e desconectadas. Há diversas razões que fundamentam tais distinções, como o aumento da competitividade entre instituições por alunos internacionais, a necessidade de colaborações em pesquisa e construções de conhecimento, como também a políticas educacionais adotadas.

Na década de setenta até meados dos anos oitenta, as ações de internacionalização ocorriam de modo isolado e representavam mais parcerias internacionais de pesquisas. No entanto, a partir do fim da década de oitenta, a internacionalização passou a exercer um papel cada vez mais relevante nas instituições de ensino (BRANDENBURG, DE WIT, 2015) e, atualmente, o *American Council of Education* (ACE) utiliza o *Comprehensive Internationalization Framework* (Quadro Global de Internacionalização) que apresenta seis dimensões ou pilares necessários para a internacionalização: visão estratégica, currículo e aprendizado, estrutura organizacional, apoio ao docente, mobilidade e colaboração e parceria. Inseridos nessa amplitude dimensional estão ações como mobilidade estudantil e de docentes, eventos internacionais, *massive open online courses* (MOOCs), parcerias no desenvolvimento de pesquisa entre instituições, internacionalização de curriculum, intercâmbio de pesquisadores e professores e vários outros movimentos que apresentam o âmbito internacional em seus fundamentos.

Universidades ao redor do mundo têm promovido ações para a seleção de estudantes internacionais como uma das soluções diante da diminuição do mercado doméstico. É importante ressaltar que na maioria delas o ensino é pago e o encolhimento do número de estudantes de graduação pode afetar a estabilidade financeira da instituição. Assim, a internacionalização funciona também como uma corda de salvamento para instituições de ensino, pois pode contribuir para o aumento dos índices de matrículas, otimizar produção científica e competitividade (NINOMIYA; KNIGHT; WATANABE, 2009).

Subjacente a qualquer movimento de internacionalização está a língua em comum que alunos, professores, pesquisadores e quaisquer outros atores precisam dominar para a concretização das ações nas quais estão envolvidos. O inglês tem se mostrado como a língua predominante no processo de internacionalização (VINKE; SNIPPE; JOCHEMS, 1998; PHILLIPSON, 2006; IM; KIM, 2015)

Este estudo investiga especificamente a relação entre o processo de internacionalização e a língua inglesa no contexto acadêmico por meio da análise bibliométrica, com o objetivo de verificar a tendência de pesquisas

relacionadas a esse tema no âmbito mundial e estabelecer uma reflexão com contexto mundial e por regiões. Parte-se do pressuposto de que com a ampliação dos movimentos de internacionalização, a utilização do inglês ou a sua necessidade deve ter sido impactada de alguma forma uma vez que a hegemonia da língua nas áreas de negócios, ciência e tecnologia já era apontada por estudiosos há décadas (LANKSHEAR, 1998; GRADDOL, 2000). Consequentemente, torna-se relevante a condução de investigações que focalizem internacionalização e língua inglesa.

## **2. Internacionalização e Língua Inglesa em Cenários Distintos**

Na busca pela internacionalização e competitividade de suas universidades, o Japão, por meio do Ministério da Educação, vem implementando cursos de graduação em *English Medium Instructions* (EMI) (Ensino mediado por Inglês) a passos ainda gradativos, se comparado com outros países europeus, visto que em 2014 eram oferecidos apenas vinte cursos de graduação em EMI (BROWN, 2014).

A língua inglesa no contexto acadêmico japonês tem para o Ministério da Educação três propósitos principais, conforme Ammon (2001). Além da possibilidade de oferecer um ambiente de aprendizado para alunos internacionais que podem não ter o nível de proficiência na língua japonesa para se beneficiarem de cursos de graduação no país, o EMI permite que os professores e alunos desenvolvam habilidades linguísticas que auxiliem na publicação de seus trabalhos mais amplamente. O último propósito está na oportunidade dos alunos aprenderem em inglês, o que pode constituir um diferencial em suas carreiras.

Por outro lado, na Europa, o inglês tornou-se a língua franca do meio acadêmico na medida em que 46 países assinaram o Processo de Bologna em 2010, o que promoveu a movimentação de estudantes em busca por universidades em outros países (DOIZ; LASAGABASTER; SIERRA, 2011). Ainda de acordo com os autores, os objetivos de programas em EMI das universidades europeias são "atrair os estudantes internacionais, preparar os estudantes do país para o mercado de trabalho global e elevar o perfil da instituição" (DOIZ; LASAGABASTER; SIERRA, 2011, p. 347). Essas metas não diferem muito daquelas estabelecidas pelo Ministério da Educação japonês, conforme Ammon (2001), sendo a única distinção, o interesse do Japão em ampliar as publicações científicas.

Entretanto, já na primeira década de 2000, o número de programas em EMI na Europa havia triplicado, passando de 700 para 2.400, segundo Wachter, Maiworm (2008) (WÄCHTER; MAIWORM, 2014), o que indica a forte tendência de internacionalização no continente. O EMI na educação também tem sido problematizado na África, como no estudo desenvolvido por Kamwangamalu (2013) que critica as consequências da abordagem nas

escolas públicas visto que o objetivo de expandir o letramento e criar chances da população participar no desenvolvimento socioeconômico e político do continente não foi atingido.

No Brasil, o relatório "A Internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes" (CAPES, 2017), evidencia que "o processo de internacionalização nas instituições brasileiras não é mais incipiente, porém são necessários ajustes a esse processo para torna-lo mais eficiente" (CAPES, 2017, p. 46). O documento é resultado de um questionário sobre internacionalização enviado às instituições de ensino superior brasileiras (IES) com programas de pós-graduação avaliado com nota de 3 a 7 pela Capes.

A avaliação da Capes demonstra que as instituições participantes têm um planejamento de internacionalização que abrange várias ações, tais como: pós-graduação sanduíche, aulas em idioma estrangeiro, número de professores visitantes, matrículas de alunos em disciplinas ministradas em idioma estrangeiro, publicações internacionais entre outros. A tabela abaixo mostra a situação das instituições em 2016 e as metas para 2020. O agrupamento das IES seguiu os critérios de índice de aproveitamento de cotas da Capes de PDSE e número de cursos de pós-graduação. O grupo 1 apresenta números menores nos dois critérios do que o grupo 2, totalizando respectivamente 198 e 48 instituições participantes.

Tabela 1 – Média dos indicadores de internacionalização apontados pelas instituições no ano de 2016 e a média da meta para 2020, divididas em agrupamentos

Média dos indicadores de internacionalização apontadas pelas IES	Agrupamento 1		Agrupamento 2	
	2016	2020	2016	2020
Nº de Prof. visitantes e Pós-doutores estrangeiros	2,90	9,70	60,00	139,60
% Prof. do quadro permanente que são estrangeiros	2,41	5,45	3,66	8,60
Nº de projetos de cooperação internacional	14,4	26,70	143,50	256,00
Nº de artigos publicados em revistas com JCR	93,80	188,00	960,00	1808,70
Nº de artigos publicados com coautoria estrangeira	25,01	70,88	428,20	692,83
% aulas ministradas em outro idioma	2,41	9,80	3,23	11,61

% alunos estrangeiros matriculados regularmente na IES	3,59	6,70	2,72	6,38
% alunos estrangeiros regulares na pós-graduação	2,30	7,91	3,38	7,90
% alunos estrangeiros temporários na pós-graduação	1,00	7,36	5,83	18,64
Nº de alunos que obtiveram dupla titulação/cotutela com uma instituição estrangeira	1,00	8,20	15,80	103,00
Nº de alunos de pós-graduação em disciplinas lecionadas em idiomas estrangeiros	15,00	58,50	313,00	674,30
Nº de alunos de pós-graduação que possuam fluência em língua estrangeira	53,10	116,5	1567,60	2214,00
Nº de alunos brasileiros em doutorado sanduíche	2,30	11,70	90,30	241,90
% corpo técnico com fluência em outros idiomas	16,14	34,45	8,13	28,72

Fonte: CAPES (BRASIL, 2017)

Os resultados demonstram a relevância da língua estrangeira em todos os indicadores, seja de modo direto, como na porcentagem do corpo técnico fluente em outros idiomas, e indiretamente, por exemplo, no índice de professores estrangeiros, que terão que aprender o português como língua estrangeira. Além disso, a tabela demonstra o envolvimento de docentes, corpo técnico e discentes, todos em ações nas quais a língua estrangeira está presente.

Embora o inglês não seja mencionado claramente no relatório, a hegemonia da língua já foi amplamente discutida e demonstrada nas áreas de ciência, tecnologia e negócios, além de ser predominante na Internet, o que reforça a importância de seu ensino (ALMEIDA FILHO, 2003; CRYSTAL, 2006). Somado a isso, de acordo com Ianni (2008), aproximadamente 88% de toda literatura científica e técnica é veiculada em inglês.

Ressalta-se também que o nível de proficiência em inglês dos estudantes brasileiros foi um dos obstáculos para a viabilização do Ciências sem Fronteiras (CsF), um programa de internacionalização do Ministério da Educação que distribuiu aproximadamente 100 mil bolsas de estudos para graduação e pós-graduação sanduíche em diversas universidades estrangeiras conveniadas. A

participação no programa, similarmente ao que ocorre em qualquer outro programa internacional de mesma natureza, exigia o certificado de testes internacionais em inglês, na sua grande maioria. Entretanto, muitos estudantes apresentaram dificuldades para serem aprovados no nível de proficiência exigido pelas universidades estrangeiras, o que impactou o programa e provocou diversas ações do governo, como a criação de núcleos de línguas, oferta de cursos online e aplicação de testes de proficiência em inglês.

O papel da língua inglesa nesse processo de internacionalização, por meio do CsF, provocou um efeito retroativo do teste de proficiência junto aos alunos e professores de uma universidade pública, com a alteração na prática de ensino e aprendizagem diante da relevância da aprovação em testes internacionais de inglês (KOBAYASHI, 2016). Além disso, o trabalho de Brito e Kobayashi (2021) revela como o nível de proficiência em inglês pode surgir como uma barreira para a participação de estudantes do ensino médio de editais de internacionalização, visto que entre os requisitos, as instituições estrangeiras receptoras delimitam o nível específico que, muitas vezes, os estudantes ainda não atingiram.

Apesar dos estudos mostrarem diversas ações de internacionalização em instituições de ensino de todo o mundo, inclusive no Brasil, Knight e De Wit (2018), em uma análise sobre o passado e o futuro da internacionalização do ensino superior, apontam para a insuficiência de foco na área de pós-graduação e pesquisa, incluindo a coautoria internacional e outras referências de pesquisas internacionais ao longo de vinte e cinco anos de ações internacionais. Segundo os autores, devido à complexidade do desenvolvimento de pesquisas e o nível de competitividade cada vez mais acentuado é necessária mais colaboração do que no passado. Dessa forma, torna-se urgente a busca de instituições nacionais e internacionais por talentos acadêmicos. Somado a isso, Knight e De Wit (2018) afirmam ainda que o crescimento nos fundos de pesquisas internacionais, publicações, patentes e publicações requer o desenvolvimento de equipes internacionais.

As colaborações internacionais estão entre os critérios aplicados por sistemas de classificações que avaliam instituições no mundo inteiro, como o *QS World University Rankings by QS Quacquarelli Symonds*, que utiliza sete critérios para atingir rankings internacionais: 1) corpo docente internacional; 2) colaborações internacionais em pesquisas; 3) acadêmicos internacionais; 3) apoio a professores estrangeiros; 5) estudantes visitantes; 6) estudantes que vão ao exterior; 7) diversidade internacional.

Preocupação semelhante também foi identificada no relatório da Capes (CAPES, 2017) que ressalta dois aspectos: as coautorias internacionais e o fator de impacto das publicações.

Um quinto dos trabalhos científicos produzidos no mundo ocorre com coautorias internacionais, o que reflete que pesquisadores no mundo

todo estão colaborando cada vez mais para produção de conhecimento e inovação. O fator de impacto das publicações com um determinado colaborador é um índice dinâmico que sofrerá alterações ao longo dos anos. De maneira geral, o fator de impacto de publicações brasileiras aumenta significativamente quando combinado com instituições estrangeiras (CAPES, 2017, p. 22).

Em relação às publicações, também já é de conhecimento geral que as produções de alta relevância circulam em inglês, visto que são publicadas em periódicos veiculados na língua, o que reforça a necessidade do domínio de pelo menos a habilidade de produção escrita por parte dos pesquisadores. No Brasil, o estudo de Finardi e França (2016) demonstrou que o inglês afeta de modo significativo a avaliação da produção e circulação acadêmica nacional da área de Letras. Os autores enfatizam que o Brasil tem a 13ª maior produção acadêmica mundial, que, apesar disso, não é bem avaliada qualitativamente devido especialmente ao fato de não ter sido produzida nem circulada em inglês. Portanto, as discussões presentes na literatura enfatizam a importância da língua inglesa como condição de viabilização da maioria das ações de internacionalização, sendo, dessa maneira, que investigações sejam conduzidas para analisar essa relação.

## 2.1 Bibliometria

Embora haja controvérsias sobre as origens e o surgimento do termo bibliometria, Fonseca (1973) esclarece sobre o seu uso por Paul Otlet em 1934 com o termo "*bibliométrie*" em seu "*Traité de documentation*", e que em 1955 Victor Zoltowski realizou um estudo de bibliografia estatística no período de 1812 a 1900 em seu estudo "*Bibliographie de la France*". Ainda segundo o autor a expressão "*statistical bibliography*" foi cunhada por E. Wyndham Hulme em 1923 e permaneceu ignorada até que fosse resgatada por Charles F. Gosnell em 1944 em um estudo, "*Obsolescence of books in college libraries*" (FONSECA, 1973). Além disso, Fonseca faz uma crítica à visão anglo-saxônica que atribui a Alan Prichard em seu trabalho "*Statistical bibliography or bibliometrics?*" de 1969 a primazia do uso da palavra bibliometria. Estas controvérsias também podem ser vistos em outros artigos acadêmicos da área de Ciências da Informação (SILVA; HAYASHI; HAYASHI, 2011).

Controvérsias à parte, o que se nota é que as publicações acadêmicas aumentam de forma vertiginosa tornando cada vez mais desafiador permanecer atualizado com tudo o que está sendo publicado. Isso tem dificultado o acúmulo de conhecimento e a coleta ativa e dinâmica de evidências por meio do conjunto de pesquisas anterior. Por esse motivo, as revisões de literatura assumem um papel crucial na síntese de descobertas de pesquisas anteriores e, desse modo, na criação de possibilidades para se

avançar uma linha de pesquisa (SOARES et al., 2016; ARIA; CUCCURULLO, 2017; BAENA-PEDROZA et al., 2021; CONTI; ELICHER; LAVANDOSKI, 2021).

Os pesquisadores fazem uso de diferentes abordagens tanto qualitativas quanto quantitativas para realizar a revisão de literatura organizando e entendendo os achados. Dentre essas possibilidades, a bibliometria tem o potencial de introduzir um processo de revisão sistemática, transparente e reproduzível baseado na medição estatística da ciência, cientista ou atividade científica nas várias áreas do conhecimento (SILVA; HAYASHI; HAYASHI, 2011; SOARES et al., 2016; ARIA; CUCCURULLO, 2017).

Com o crescente aumento das publicações, a análise bibliométrica se torna cada vez mais complexa, envolvendo várias etapas que fazem uso de diversas ferramentas de software de análise e mapeamento. Essas dificuldades são agravadas pela realidade de que poucos pesquisadores e profissionais são treinados para revisar a literatura e identificar práticas baseadas em evidências, visto que requerem por vezes habilidades gerais de programação. Atualmente existem algumas ferramentas que se utilizam do ambiente de programação estatística R para reunir várias aplicações voltadas à análise bibliométrica.

Uma dessas aplicações é o pacote bibliometrix R de código aberto proposto para realizar análises bibliométricas abrangentes (ARIA; CUCCURULLO, 2017). Esse pacote possui um software aberto, o que significa que é bem suportado pela comunidade de usuários e que novas funções são contribuídas regularmente pelos próprios usuários, muitos dos quais são estatísticos eminentes (ibidem). Como está programado em R, a ferramenta proposta é flexível, pode ser rapidamente atualizada e pode ser integrada a outros pacotes R estatísticos (ibidem).

Além das ferramentas de análise, é necessário especial atenção também para o local de pesquisa, ou seja, nesse caso as bases de dados eletrônicas como a *Web of Science* (WoS) que engloba mais de 21.000 periódicos com avaliação por pares em seu núcleo principal e mais coleções regionais como o SciELO no caso brasileiro (WOS, 2020). O SciELO passou a fazer parte da base WoS a partir de 2014, promovendo assim a presença da rede local “em um dos índices bibliográficos e bibliométricos de referência internacional para ampliar a visibilidade e credibilidade dos periódicos” (PACKE, 2014, p. 1).

### **3. Metodologia**

Este estudo é caracterizado como uma investigação de natureza metodológica quantitativa. De acordo com Babbie (2010), métodos quantitativos focalizam nas medições objetivas e na análise estatística, matemática ou numérica de dados coletados por meio de instrumentos diversos ou pela manipulação de dados estatísticos pré-existentes através de técnicas computacionais.



Nesta investigação, os dados são coletados e analisados por meio da técnica de bibliometria. Esta técnica permite a compreensão das produções realizadas ao longo do tempo de uma determinada temática em suas várias dimensões, tais como: documentos, publicações, autoria e coautoria, local de publicação, órgão de fomento, colaboração, estruturas conceituais, estruturas intelectuais e estruturas sociais.

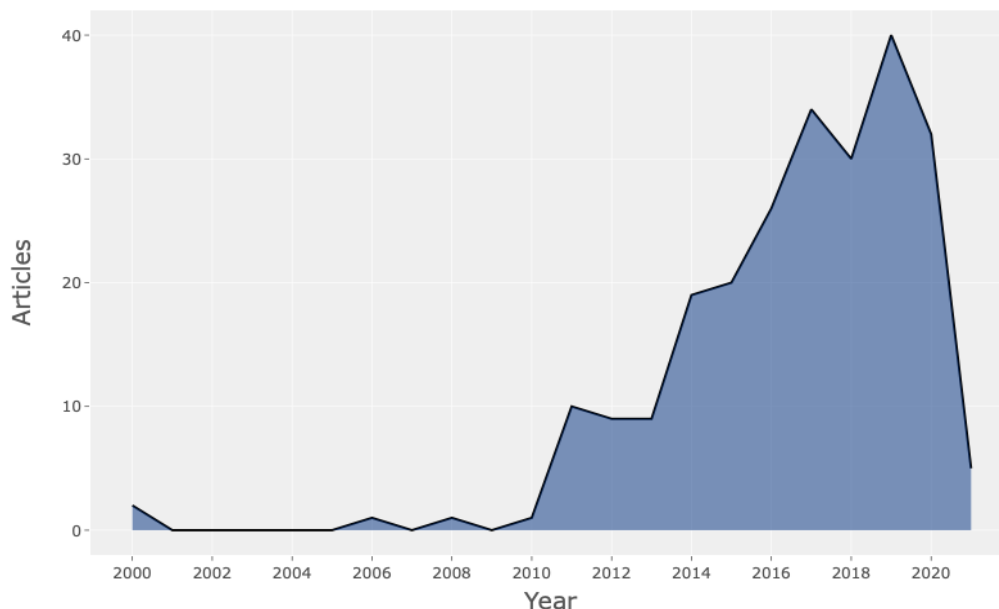
Este estudo baseou-se na revisão sistemática por meio da busca pelos termos internacionalização, língua inglesa, EMI e educação. Para a elaboração da *string* de busca foram utilizados os termos correlatos unidos pelo operador booleano "OR", o que amplia o escopo de busca, e as relações entre termos pelo operador "AND", que restringe o escopo ao grupo desejado de publicações. A *string* de busca foi: (*internationalization* OR *internationalisation*) AND ("English language" OR "English-Medium Instruction" OR EMI) AND Education). A base de dados escolhida foi a WoS por sua amplitude e relevância. Os filtros utilizados foram: todo o período disponível e artigos revisados por pares.

A pesquisa foi realizada no dia 10 de maio de 2021 na base WoS. Uma análise prévia pôde ser realizada na própria plataforma da base de dados do WoS. A análise mais detalhada foi feita por meio do pacote de aplicativos Bibliometrix (versão 3.1.3) executado em um ambiente R (versão 4.1.0) através da suíte R Studio (versão 1.4.110).

#### **4. Discussão e Resultados**

Como resultado da busca foram encontrados 257 documentos, dos quais 185 artigos de periódicos, 67 artigos de conferências e cinco revisões. A grande maioria em língua inglesa, 246 documentos, mais quatro em russo, dois em francês, dois em português, dois em espanhol e um em holandês. Esse índice de publicações em inglês vem ao encontro das discussões antigas e atuais sobre o impacto que a língua exerce na sociedade e a predominância em diversos meios, entre eles o acadêmico-científico (LANKSHEAR, 1998; GRADDOL, 2000; FINARDI, FRANÇA, 2016).

Figura 1 – Produção científica anual e os termos de busca do estudo  
**Annual Scientific Production**



Fonte: Os autores, a partir do software R com pacote Bibliometrix

Além disso, observa-se na Figura 1 um crescimento concentrado de 2010 a 2020, sendo o pico atingido em 2020 com a publicação de 40 artigos. Considerando esse período, apesar das fases de estabilidade ou pouco crescimento, como de 2012 a 2013 e 2014 a 2015, e de ligeira queda de 2017 até o ano seguinte, pode-se afirmar que os resultados demonstram que pesquisas sobre internacionalização, língua inglesa e educação vem crescendo mundialmente.

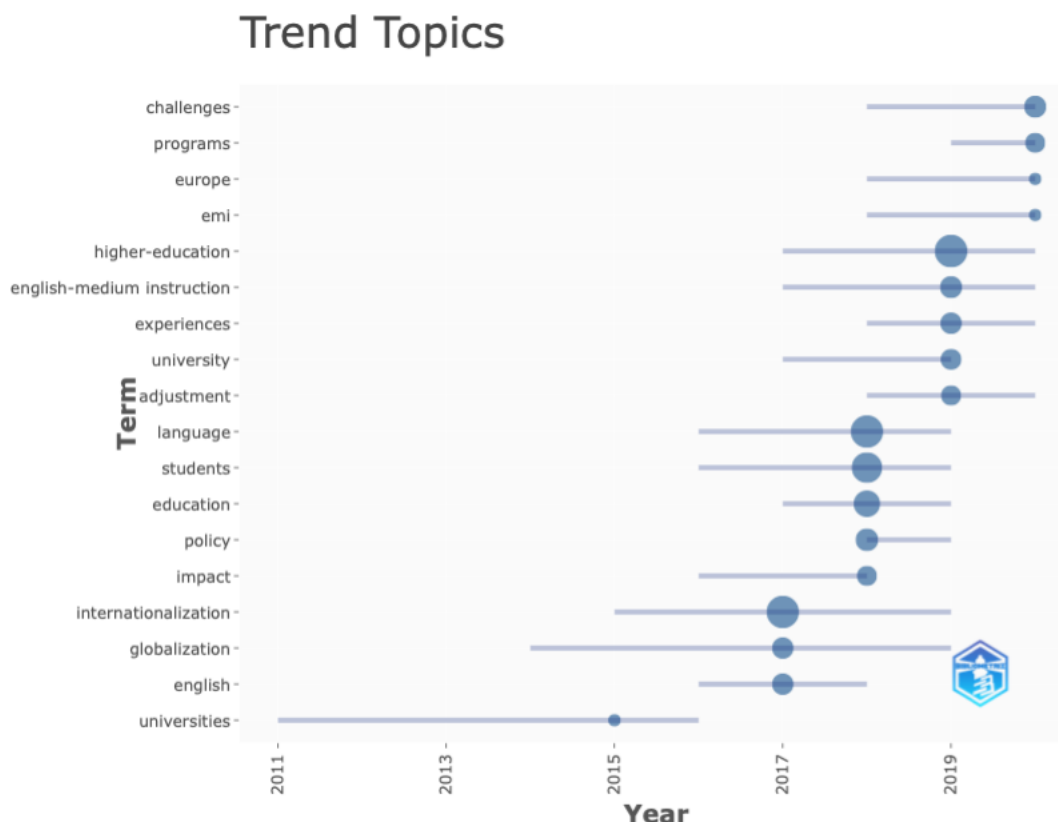
Essa década de produção crescente pode ser um reflexo do movimento acentuado de internacionalização registrado na primeira década de 2000 com o triplo de programas em EMI na Europa (WÄCHTER; MAIWORM, 2014). Somado a isso, o Processo de Bologna em 2010 também acentuou a mobilidade estudantil também no continente (DOIZ; LASAGABASTER; SIERRA, 2011). Tal cenário de mudança na educação, tornando-a mais internacional, provavelmente provocou um aumento também nas pesquisas relacionadas à problematização do processo de internacionalização.

Entre os resultados do *trend topics*, é possível identificar que os estudos se concentram na educação superior, apesar das ações de internacionalização poderem ocorrer em outros níveis da educação, como no ensino médio ou técnico, como demonstram trabalhos realizados no Brasil (BRITO, KOBAYASHI, 2021). Além disso, as pesquisas publicadas focalizam os estudantes que surgem como tópicos tão relevantes quanto à língua. Esse resultado pode confirmar as discussões de Wächter; Maiworm (2014) e Doiz; Lasagabaster; Sierra (2011) sobre o movimento internacional de estudantes

na Europa e também do EMI, que pode ser considerado consequência ou motivação de tal mobilidade. Dessa forma, esse *trend* indica uma possível problematização de estudos voltados à mobilidade estudantil como ação de internacionalização.

Embora o inglês como *trend topic* tenha surgido em 2017, verifica-se a sua ausência nos anos seguintes. Por outro lado, língua aparece de modo incisivo em 2018, assim como EMI no próximo ano, levando à conclusão de que a língua inglesa está no foco das pesquisas, como revelam os estudos sobre a relação entre inglês e internacionalização realizadas há décadas por Vinke, Snippe, Jochems (1998); Phillipson, 2006 e Im, Kim (2015).

Figura 2 – Comportamento dos termos de 2000 a 2021



Fonte: Os autores a partir do software R com pacote Bibliometrix

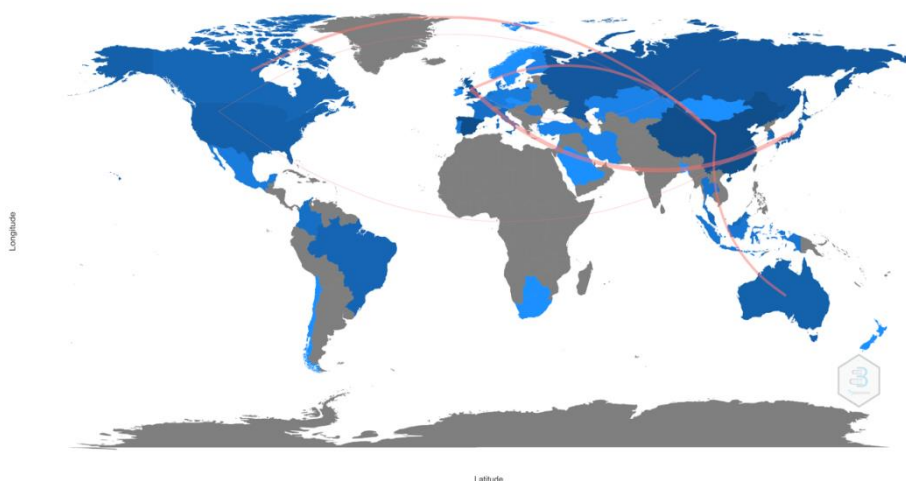
O trabalho de pesquisa colaborativa internacional é abordado na Figura 3 que indica relações entre países europeus, asiáticos, incluindo da Oceania e a América do Norte. Observa-se que esse resultado não aponta para movimentos que envolvam países do continente africano e a América Central e do Sul, por exemplo. Por outro lado, segundo Knight e De Wit (2018), um dos obstáculos da internacionalização está no desenvolvimento de trabalhos colaborativos internacionais visto que uma das formas de enfrentar maior

complexidade e competitividade na realização de pesquisas atualmente seria por meio de parcerias internacionais.

Diante disso, é possível afirmar que há uma carência de ações no Brasil quanto a pesquisas colaborativas internacionais que relacionam a língua inglesa e internacionalização no contexto acadêmico. No entanto, o relatório CAPES (2017) enfatiza a importância desse tipo de ação, uma vez que apenas um quinto dos trabalhos científicos atuais estão sendo realizados por meio de parcerias internacionais e, além disso, o fator de impacto de publicações brasileiras aumenta quando combinado com instituições estrangeiras.

Figura 3 – Mapa de colaboração de trabalho entre os países

Country Collaboration Map



Fonte: Os autores a partir do software R com pacote Bibliometrix

A Figura 4 traz a distribuição dos artigos em áreas de conhecimento. A análise classifica as dez primeiras áreas com maiores concentrações de documentos que, neste caso, são: educação/pesquisa educacional, linguística, ciências sociais/outros tópicos, negócios/economia, engenharia, estudos culturais, literatura, tecnologia em ciência/outros, ciência ambiental/ecologia e psicologia. Uma publicação pode estar classificada em mais de uma área, por isso será considerada o número total das classificações, no caso 297.

Os resultados demonstram uma concentração dos estudos na área de educação, com 182 trabalhos, o que representa um pouco mais de 60% do total das classificações. A segunda área com mais estudos foi a de Linguística, com 81 (27%), o que aponta para a relevância da língua em tais trabalhos, mais especificamente do inglês diante dos termos de busca utilizados. Em terceiro e quartos lugares, quase empatados, com uma diferença de apenas uma publicação, estão as áreas de ciências sociais e negócios, com oito (2,92%) e sete (2,36%) respectivamente. As demais áreas apresentam

índices iguais ou menores que 1,35%. Portanto, o levantamento indica que de 2010 a 2020 houve predominância da realização de estudos sobre internacionalização e língua inglesa na área de educação, seguida da linguística.

Figura 4 – Áreas de publicação

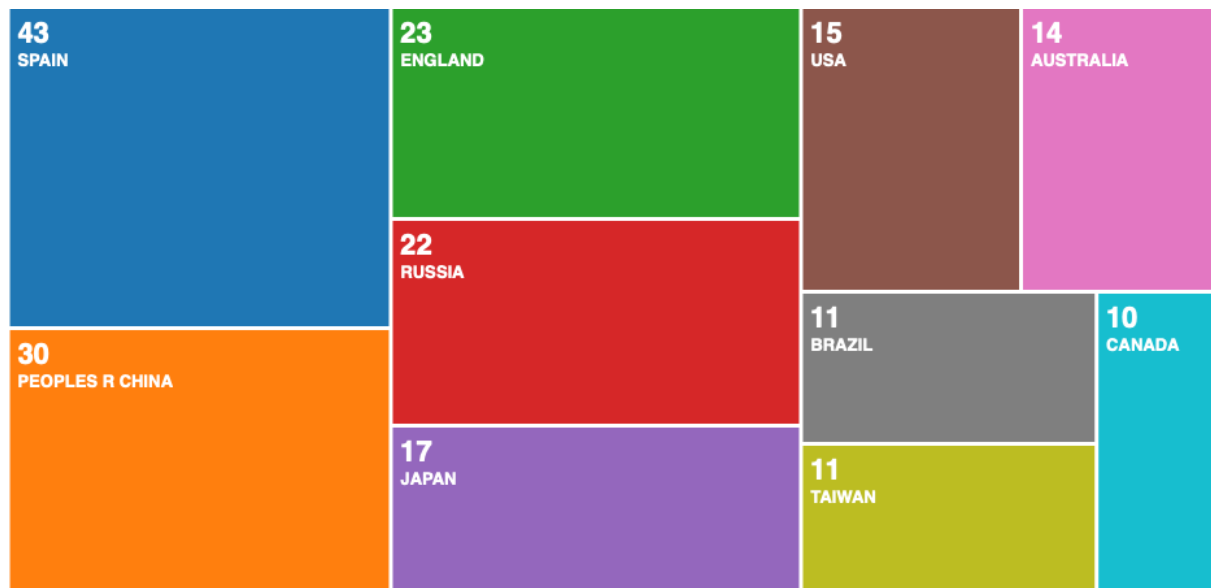


Fonte: Os autores a partir dos resultados da *Web of Science*

A Figura 5 apresenta os dez primeiros países com os maiores números de publicações, conforme os termos de buscas, que totalizaram 196 documentos. Em termos de origem das publicações, verifica-se uma alta concentração na Europa e Ásia, com destaque para a Espanha liderando com 43 trabalhos, quase 30% do total, seguida pela China com 30 (15,20%) e em terceiro lugar a Inglaterra com 23 (11,7%). A Rússia surge com quase metade das publicações da Espanha, na quarta posição, 22 documentos (11,2%). Os demais países apresentam índices bem menores, como o Japão, com 17 (8,7%), Estados Unidos com 15 (7,6%) e Austrália 14 (7,1%). Os demais países atingiram 5,6% como o Brasil e Taiwan, ambos com 11 publicações. Em último lugar, está o Canadá com 10 trabalhos (5,1%).

Diante disso, é possível verificar a superioridade de produção dos países europeus e asiáticos em comparação com os americanos, por exemplo. Além disso, o Brasil é o único país da América do Sul registrado no levantamento, o que revela a carência de estudos na área investigada neste estudo.

Figura 5 – Países de origem das publicações



Fonte: Os autores a partir dos resultados da *Web of Science*

## 5. Considerações Finais

A proposta deste trabalho consistiu na realização de uma pesquisa bibliográfica por meio da análise bibliométrica para investigar a relação entre internacionalização e língua inglesa no contexto acadêmico. Para tanto, houve a delimitação do período de 2000 a 2020, os termos de busca *English language, internationalization, education, higher education, EMI* e a utilização do banco de dados *Web of Science*.

Os resultados revelam a existência de 257 publicações a respeito do tema investigado, com a predominância do inglês como língua de divulgação. Além disso, até 2010, havia poucos estudos, situação que se alterou drasticamente na segunda década que apresentou alto crescimento e na maioria do período constante. Verificou-se que as pesquisas colaborativas internacionais desenvolvidas no âmbito delimitado neste trabalho estão fortemente concentradas entre a Europa e a Ásia e a Espanha surge como o país que mais produziu pesquisas, seguida da China.

Por outro lado, o Brasil, apesar de estar presente positivamente nos resultados deste estudo, uma vez que desenvolveu pesquisas sobre o tema, ainda não surge como país que desenvolve pesquisas colaborativas internacionais e o índice de produção ainda pode ser considerado baixo, uma vez que é um quarto do produzido pela Espanha.

Os resultados também levantam a possibilidade de crescimento dos estudos sobre internacionalização e língua inglesa no contexto acadêmico caso a tendência da última década não se altere. Similarmente, a educação revela-se como a área de maior concentração das pesquisas desenvolvidas e tal

KOBAYASHI, Eliana; HIGASHI, Roberto. Língua Inglesa e Internacionalização: uma análise bibliométrica no contexto acadêmico. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 108-124, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

situação provavelmente deve ser mantida pela amplitude da superioridade numérica de publicações. Outra reflexão que pode ser levantada por este estudo é o fato de que países não falantes de língua inglesa desenvolvem mais pesquisas sobre o tópico investigado do que dos falantes, colocando em destaque a Espanha e a China, situação que reforça a carência de estudos desenvolvidos no Brasil, posicionado na sexta colocação.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Ontem e hoje no ensino de línguas no Brasil. In: STEVENS, C. M. T.; CUNHA, M. J. C. (Ed.). *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: EdUnB, 2003. p. 280.

AMMON, U. *The Dominance of English as a Language of Science*. Berlin: DE GRUYTER MOUTON, 2001.

ARIA, M.; CUCCURULLO, C. bibliometrix: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. *Journal of Informetrics*, v. 11, n. 4, p. 959–975, nov. 2017. Disponível em: <<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1751157717300500>>.

BABBIE, E. *The Practice of Social Research*. 12. ed. Londres: Cengage Learning, 2010.

BAENA-PEDROZA, A. M. et al. Bibliometric study of volatile compounds in commercial fruits of the Solanaceae family. *Brazilian Journal of Food Technology*, v. 24, p. 1–11, 2021.

BROWN, H. Contextual factors driving the growth of undergraduate English-medium instruction programmes at universities in Japan. *The Asian Journal of Applied Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 50–63, 2014. Disponível em: <<http://caes.hku.hk/ajal>>. Acesso em: 24 maio. 2021.

CAPES. A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/a-internacionalizacao-nas-ies-brasileiras-pdf>>.

CONTI, B. R.; ELICHER, M. J.; LAVANDOSKI, J. Revisão sistemática da literatura sobre Turismo Científico. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 15, n. 2, p. 1981, 15 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/1981>>. Acesso em: 26 maio. 2021.

KOBAYASHI, Eliana; HIGASHI, Roberto. Língua Inglesa e Internacionalização: uma análise bibliométrica no contexto acadêmico. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 108-124, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

DOIZ, A.; LASAGABASTER, D.; SIERRA, J. M. Internationalization, multilingualism and English-medium instruction. *World Englishes*, v. 30, n. 3, p. 345–359, set. 2011. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1111/j.1467-971X.2011.01718.x>>. Acesso em: 24 maio. 2021.

FINARDI, K. R.; FRANÇA, C. O inglês na internacionalização da produção científica brasileira: evidências da subárea de Linguagem e Linguística. *Intersecções*, v. 9, n. 2, p. 234–250, 2016. Disponível em: <<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1284/1167>>. Acesso em: 25 maio. 2021.

FONSECA, E. N. da. Bibliografia Estatística e Bibliometria: Uma Reivindicação de Prioridades. *Ciência da Informação*, v. 2, n. 1, p. 5–7, 1973.

GRADDOL, D. *The future of Englishes*. Londres: The British Council, 2000.

IANNI, O. *A Sociedade Global*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

IM, J.-H.; KIM, J. Use of Blended Learning for Effective Implementation of English-Medium Instruction in a Non-English Higher Education Context. *International Education Studies*, v. 8, n. 11, p. 1, 2015.

KAMWANGAMALU, N. M. Effects of policy on English-medium instruction in Africa. *World Englishes*, v. 32, n. 3, p. 325–337, 2013.

KNIGHT, J.; DE WIT, H. Internationalization of Higher Education: Past and Future. *International Higher Education*, n. 95, p. 2, 2018. Disponível em: <<https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/10715>>. Acesso em: 24 maio. 2021.

KOBAYASHI, E. Efeito retroativo de um exame de proficiência em língua inglesa em um núcleo de línguas do programa inglês sem fronteiras. 2016. Universidade de Campinas, 2016. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/305689/1/Kobayashi\\_Eliana\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/305689/1/Kobayashi_Eliana_D.pdf)>.

LANKSHEAR, C. Language and the new capitalism. *International Journal of Inclusive Education*, v. 1, n. 4, p. 309–321, 1998.



KOBAYASHI, Eliana; HIGASHI, Roberto. Língua Inglesa e Internacionalização: uma análise bibliométrica no contexto acadêmico. *Revista Intercâmbio*, v.LI: 108-124, 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

NINOMIYA, A.; KNIGHT, J.; WATANABE, A. The past, present, and future of internationalization in Japan. *Journal of Studies in International Education*, v. 13, n. 2, p. 117–124, 2009.

PEREIRA, A., KOBAYASHI, E. Internationalization and English Language in a public institution. *Independent Journal of Management and Production*, v.12, n.9, 2020.

PACKE, A. L. SciELO Citation Index no Web of Science. Disponível em: <<https://blog.scielo.org/blog/2014/02/28/scielo-citation-index-no-web-of-science/%0APosted>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

PHILLIPSON, R. English, a cuckoo in the European higher education nest of languages? *European Journal of English Studies*, v. 10, n. 1, p. 13–32, 2006.

SILVA, M. R. da; HAYASHI, C. R. M.; HAYASHI, M. C. P. I. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 2, n. 1, p. 110–129, 15 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42337>>.

SOARES, P. B. et al. Análise bibliométrica da produção científica brasileira sobre Tecnologia de Construção e Edificações na base de dados Web of Science TT - Bibliometric analysis of the Brazilian scientific production on Building and Construction Technologies in the Web of. *Ambiente Construído*, v. 16, n. 1, p. 175–185, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-86212016000100175&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-86212016000100175&lang=pt)>.

VINKE, A. A.; SNIPPE, J.; JOCHEMS, W. English-medium Content Courses in Non-English Higher Education: a study of lecturer experiences and teaching behaviours. *Teaching in Higher Education*, v. 3, n. 3, p. 383–394, 1998.

WÄCHTER, B.; MAIWORM, F. English-Taught Programmes in European Higher Education: the state of play in 2014. [s.l.: s.n.]

WOS. Web of Science Platform - Web of Science Group. Disponível em: <<https://clarivate.com/webofsciencegroup/%0Ahttps://clarivate.com/webofsciencegroup/solutions/webofscience-platform/>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

Recebido em: 17/03/2022  
Aprovado em: 11/08/2022